

INTRODUÇÃO À HERMENÊUTICA E À EXEGESE DA EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

J. S. Nascimento



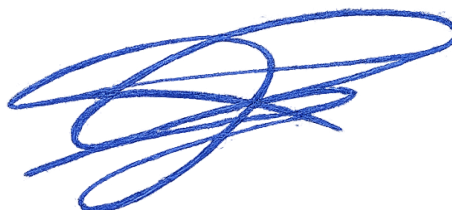
Nascimento Editora

Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade

Ass: 
Jairo de Sousa Nascimento

O documento está assinado e certificado pelo Gov.br, com integridade garantida no padrão **ICP-BRASIL**.
Assinaturas eletrônicas e físicas têm igual validade legal, conforme **MP 2.200-2/2001** e **Lei 14.063/2020**.

Como validar essa assinatura: Renomeie este Arquivo para: **EPÍSTOLA_AOS_COLOSSENSES_assinado.pdf** Acesse o link:
<https://validar.iti.gov.br/> Concorde com os termo de responsabilidade, e anexe o Arquivo Renomeado, depois só Clique em **Validar**



SOBRE A EDITORA

A Nascimento Editora possui identidade confessional definida, operando integralmente sob uma cosmovisão cristã reformada, ***submissa à Autoridade Suprema das Santas Escrituras como Regra infalível de Fé e Prática***. Toda tradição teológica é recebida de forma subordinada à Palavra de DEUS, com especial adesão aos Símbolos de Fé da tradição reformada, particularmente à ***Confissão de Fé de Westminster*** e aos seus Catecismos.

Toda a produção da Nascimento Editora converge para o Soli Deo Gloria: a glória exclusiva do DEUS Trino — PAI, FILHO e ESPÍRITO SANTO — na criação, na redenção e na consumação de todas as coisas. Como está escrito: “Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém” (Romanos XI:xxxvi).

A Nascimento Editora não se considera dona da verdade, mas serve da Palavra. Suas publicações são oferecidas à Igreja para exame, sempre segundo o princípio: “Examinai tudo; retende o bem” (I Tessalonicenses V:xxi).

29 de julho de 2026



Nascimento Editora

Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serve da Verdade

INTRODUÇÃO À HERMENÊUTICA

A. PRÓLOGO

A Epístola do Santo Apóstolo Paulo aos que estão em Colossos, embora não figure entre as mais extensas do cânon paulino, encerra em suas entranhas uma cristologia de tal densidade que os séculos não lograram esgotar-lhe o significado. Nela, o apóstolo, algemado em Roma e já veterano nas lutas do ministério, não se ocupa de questões meramente disciplinares ou pastorais de ordem local, antes ergue o véu que encobre a glória do FILHO de DEUS e proclama a absoluta preeminência do Verbo encarnado sobre toda potestade criada, visível e invisível. Esta carta é, por assim dizer, a pedra angular da teologia reformada no que tange à obra de CRISTO como Cabeça de todas as coisas, Aquele em quem subsistem os céus e a terra, e por quem a criação inteira, mesmo gemendo em cativeiro, é conduzida à consumação. A presente investigação não se contentará com uma leitura superficial ou com a mera repetição de lugares-comuns exegéticos; antes, adentrará o santuário do texto, guiada pela fé que é dom de DEUS e iluminada pelo mesmo ESPÍRITO que inspirou o apóstolo. Procederemos com a gravidade que o assunto requer, certos de que a Escritura é autopistós — auto-autenticadora — e que sua clareza essencial, nos pontos centrais da fé, não dispensa o trabalho diligente de comparar as coisas espirituais com as espirituais, sob a regência suprema da Palavra Fundante que sustenta todas as coisas.

B. AUTORIA, DATA E CIRCUNSTÂNCIAS HISTÓRICAS

A autoria paulina da Epístola aos Colossenses é firmemente atestada pela tradição mais antiga da Igreja, que a recebeu no cânon como genuína, e pelo próprio texto, que se apresenta como escrito por Paulo, apóstolo de JESUS CRISTO pela vontade de DEUS, e pelo irmão Timóteo (Col. I, i). Ainda que a crítica moderna, em sua volúvel curiosidade, tenha ensaiado objeções à autoria direta, fundamentadas em supostas diferenças estilísticas e no uso de vocabulário peculiar, tais objeções não têm peso quando se reconhece a liberdade do apóstolo em tratar temas elevados com linguagem apropriada à sua matéria, e quando se considera que o ESPÍRITO SANTO, que moveu os escritores sagrados, não os reduziu a autômatos, antes empregou suas capacidades, conhecimentos e contextos para produzir a inerrante Palavra de DEUS. A unidade de pensamento, o fervor pastoral e a profundidade cristológica que atravessam a epístola corroboram a voz do apóstolo, ainda que ele se tenha servido de um amanuense, como Tíquico, para redigir as palavras que o ESPÍRITO lhe ditava.

Quanto à data, a epístola foi composta, muito provavelmente, durante o primeiro cativeiro romano de Paulo, por volta dos anos 60-62 d.C., sob o reinado de Nero. O apóstolo encontra-se preso em Roma, em prisão domiciliar, como narrado em Actus

XXVIII, xxx-xxxi, mas não abatido; algemado, mas não silenciado. Das cadeias do pretório, ele escreve não com lamentos, mas com hinos; não com queixas, mas com revelações. A menção de que ele é “prisioneiro de CRISTO” (Col. IV, iii, xviii; Eph. III, i; Phil. I, xiii-xiv) e a referência aos “da casa de César” (Phil. IV, xxii) apontam para uma situação de confinamento na capital do império, onde o Evangelho avançava mesmo entre a guarda pretoriana. As circunstâncias históricas imediatas incluem a emergência de uma heresia sincrética em Colossos — uma mistura de especulações judaicas, angelologia, ascetismo e proto-gnosticismo — que ameaçava a pureza da fé cristã, diminuindo a suficiência e a preeminência de CRISTO. Paulo, portanto, escreve não apenas para consolar e exortar, mas para confrontar e desmascarar todo ensino que, sob aparência de sabedoria, desvia os crentes da simplicidade da fé no FILHO de DEUS.

C. PROPÓSITO E TEMA CENTRAL

O propósito imediato do apóstolo ao compor esta epístola é duplo: por um lado, fortalecer a Igreja de Colossos na certeza da sua posição em CRISTO, para que não fosse “levada em roda por todo vento de doutrina” (Eph. IV, xiv); por outro, refutar as falsas doutrinas que já se insinuavam entre os santos, apontando-lhes a insuficiência e o engano de toda filosofia que não se fundamenta em CRISTO. Mas o propósito mediato — e aqui alcançamos a intenção do ESPÍRITO — é proclamar a absoluta preeminência de CRISTO sobre toda a criação, sobre todas as potestades celestiais e sobre toda tradição humana, de modo que a Igreja de todos os tempos saiba que n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da Deidade, e que n'Ele os crentes têm a perfeita suficiência para a salvação, a santificação e a consumação.

O tema central, portanto, é a absoluta preeminência de CRISTO e a suficiência da Sua obra redentora, do qual decorrem todos os demais ensinamentos da carta. CRISTO é apresentado como a imagem do DEUS invisível, o primogênito de toda a criação, o Criador e Sustentador de todas as coisas, a Cabeça do corpo que é a Igreja, o princípio, o primogênito dentre os mortos, e Aquele em quem aprouve a DEUS que habitasse toda a plenitude, para que, por Ele, reconciliasse consigo todas as coisas (Col. I, xv-xx). Este tema bifurca-se, como um rio que irriga dois vales: de um lado, a doutrina da obra de CRISTO na criação e na redenção; de outro, a aplicação prática desta verdade à vida da Igreja, que é chamada a viver em conformidade com a sua Cabeça, despojando-se do velho homem e revestindo-se do novo, em justiça e santidade. Paulo não escreve para satisfazer curiosidades especulativas, mas para que os crentes, enraizados e edificados em CRISTO, sejam confirmados na fé, abundem em ação de graças e andem de modo digno do SENHOR.

D. ESTRUTURA LITERÁRIA E TEOLÓGICA

A arquitetura de Colossenses é magistralmente concebida, dividindo-se em duas metades claras, que correspondem à dupla ênfase do apóstolo: a doutrina (capítulos I-II) e a prática (capítulos III-IV). A primeira parte estabelece o que DEUS fez em CRISTO — a preeminência do FILHO, a reconciliação cósmica, a suficiência da Sua obra e a advertência contra as falsas doutrinas que roubam os crentes da plenitude que há n'Ele. A segunda parte extrai as implicações práticas: se os crentes estão em CRISTO e foram ressuscitados com Ele, devem buscar as coisas que são de cima, mortificar os membros que estão sobre a terra, revestir-se das virtudes do novo homem, e viver em submissão a CRISTO em todas as relações — família, trabalho e testemunho no mundo.

A estrutura geral pode ser assim delineada:

I. A Doutrina da Preeminência de CRISTO (Capítulos I-II)

Capítulo I: Saudações e ação de graças; a preeminência de CRISTO na criação e na redenção; a obra reconciliadora do FILHO; o ministério de Paulo como mordomo do mistério.

Capítulo II: A luta pastoral de Paulo pela edificação dos santos; a advertência contra a filosofia e as tradições humanas; a plenitude de CRISTO e a suficiência da Sua obra; a morte para os rudimentos do mundo e a vida em CRISTO.

II. A Prática da Nova Vida em CRISTO (Capítulos III-IV)

Capítulo III: A exortação a buscar as coisas do alto; a mortificação dos membros terrenos; o revestir-se do novo homem; a paz de CRISTO como árbitro no coração; a Palavra de CRISTO habitando abundantemente; as relações domésticas — esposas e maridos, filhos e pais, servos e senhores.

Capítulo IV: A exortação à oração e à vigilância; as saudações finais e os cumprimentos pessoais; a comissão de Tíquico e Onésimo; a bênção apostólica.

Esta estrutura não é arbitrária, mas responde à lógica da nova criação: primeiro, a posição do crente em CRISTO; depois, a prática da vida que flui dessa posição. Primeiro, a graça que salva e reconcilia; depois, a graça que santifica e transforma. E todas as seções são atravessadas pela consciência de que a Igreja é o palco da glória divina, onde DEUS manifesta, não apenas aos homens, mas aos principados e potestades, a multiforme sabedoria do Seu propósito, que tem por centro e consumação o SENHOR JESUS CRISTO.

E. TEMAS TEOLÓGICOS EXTRAÍDOS DO LIVRO

A Epístola aos Colossenses, sendo uma mina inesgotável de ouro doutrinário, apresenta um conjunto de temas que se entrelaçam como os fios de um bordado celeste. Não se tratam de tópicos isolados, mas de aspectos de uma única realidade: a obra redentora do DEUS Triúno em CRISTO, aplicada à Igreja e consumada na glória. Extraímos, pois, os seguintes temas fundamentais:

i. A Absoluta Preeminência de CRISTO na Criação e na Redenção.

O capítulo I da epístola contém um dos mais sublimes hinos cristológicos de todo o Novo Testamento. CRISTO é declarado “a imagem do DEUS invisível, o primogênito de toda a criação” (Col. I, xv) — expressão que não indica prioridade cronológica apenas, mas primazia de posição e autoridade, pois n'Ele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, e n'Ele todas as coisas subsistem (Col. I, xvi-xvii). Ele é, portanto, o Criador e o Sustentador do universo, a Palavra Fundante que chama à existência e mantém momento a momento toda a criação. Esta verdade, longe de ser uma especulação metafísica, é o fundamento da confiança do crente, pois o mesmo CRISTO que sustenta os astros em suas órbitas é Aquele que sustenta a sua alma em meio à tribulação.

ii. A Reconciliação Cósmica e a Suficiência da Obra de CRISTO.

O apóstolo declara que, por meio de CRISTO, DEUS reconcilia consigo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus, fazendo a paz pelo sangue da Sua cruz (Col. I, xx). Esta reconciliação não é uma operação limitada ou parcial, mas cósmica e universal em seu alcance, ainda que eficaz apenas para os que creem. E a obra de CRISTO é tão completa que os crentes são apresentados santos, irrepreensíveis e inculpáveis diante de DEUS, se permanecerem na fé (Col. I, xxii-xxiii). Não há necessidade de acréscimos humanos — de filosofias, tradições, ascetismo ou adoração de anjos — porque n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da Deidade (Col. II, ix), e os crentes estão completos n'Ele.

iii. A Advertência Contra as Falsas Doutrinas e a Filosofia Humana.

O capítulo II constitui um alerta solene contra o perigo de ser “levado em roda” por filosofias e vãs sutilezas, que têm aparência de sabedoria, mas não têm valor algum contra a sensualidade e a carne. Paulo denuncia a especulação judaica (culto dos anjos, festas, lua nova, sábados), o ascetismo (não tocar, não provar, não manusear) e a exaltação de tradições humanas, que desviam a atenção da Cabeça, que é CRISTO. A verdadeira sabedoria está em CRISTO, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Col. II, iii). Portanto, os crentes devem estar

firmes na fé que receberam, sem se deixar intimidar por aqueles que, com linguagem persuasiva, pretendem acrescentar algo à obra consumada de CRISTO.

iv. A União com CRISTO na Morte e na Ressurreição.

Paulo aplica a doutrina da união com CRISTO à vida prática: os crentes foram sepultados com CRISTO no batismo, e com Ele ressuscitaram pela fé no poder de DEUS (Col. II, xii). Portanto, devem considerar-se mortos para os rudimentos do mundo e vivos para DEUS. Esta união é a fonte da santificação: se os crentes foram ressuscitados com CRISTO, devem buscar as coisas que são de cima, onde CRISTO está assentado à destra de DEUS (Col. III, i-ii). E devem mortificar os membros que estão sobre a terra — fornicção, impureza, avareza, ira, malícia —, pois todas estas coisas são a manifestação do velho homem, que já foi crucificado com CRISTO.

v. A Igreja como Corpo de CRISTO e a Comunhão dos Santos.

Embora não tão desenvolvida como em Efésios, a doutrina da Igreja como Corpo de CRISTO está presente em Colossenses: CRISTO é a Cabeça do corpo, que é a Igreja (Col. I, xviii). Esta metáfora orgânica enfatiza a dependência total dos membros em relação à Cabeça, a unidade vital entre si, e o crescimento conjunto. A Igreja, portanto, não é uma associação voluntária, mas um organismo sobrenatural, cuja vida e perseverança dependem inteiramente de CRISTO. Neste Corpo, as distinções étnicas, sociais e culturais são transcendidas: “onde não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas CRISTO é tudo em todos” (Col. III, xi).

vi. A Vida Cristã como Andar Digno e Relações Transformadas.

A segunda metade da epístola é a aplicação prática da doutrina. Paulo exorta os crentes a “andar de modo digno do SENHOR, agradando-lhe em tudo” (Col. I, x). Este andar envolve a santificação progressiva, que se manifesta em vestir-se de entranhas de misericórdia, benignidade, humildade, mansidão, longanimidade, e em perdoar uns aos outros como CRISTO perdoou (Col. III, xii-xiii). E esta santificação se estende a todas as esferas da vida: as relações domésticas — esposas e maridos, filhos e pais, servos e senhores — são transformadas pela sujeição a CRISTO, de modo que o lar se torna uma pequena igreja, onde a glória de DEUS é refletida e a Palavra de CRISTO habita abundantemente.

vii. A Oração e a Vigilância como Meios de Perseverança.

Paulo conclui a epístola com uma exortação à oração e à vigilância, pedindo que os crentes perseverem em oração, vigiando com ação de graças, e que orem também por ele, para que DEUS abra a porta da Palavra (Col. IV, ii-iv). A oração é o reconhecimento da dependência total da criatura em relação ao Criador, o meio pelo qual o crente recebe a graça para perseverar, e o instrumento pelo qual o Evangelho

avança. A vigilância, por sua vez, é a atitude de quem sabe que o SENHOR voltará, e que, por isso, deve estar preparado, com os lombos cingidos e as candeias acesas.

F. HERMENÊUTICA APLICADA: PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO

A interpretação da Epístola aos Colossenses, para que seja frutuosa e fiel, deve observar alguns princípios que decorrem da própria natureza da Escritura e da tradição reformada que nos precedeu. Estabelecemos, pois, os seguintes princípios hermenêuticos:

i. O Princípio da Analogia da Fé (Analogia Fidei).

A Escritura é a melhor intérprete de si mesma. Uma passagem obscura deve ser iluminada por outras passagens claras; e os temas dispersos devem ser comparados com as formulações gerais da doutrina cristã. Em Colossenses, por exemplo, a doutrina da preeminência de CRISTO na criação (Col. I, xv-xvii) deve ser interpretada à luz de João I, i-iii, Hebreus I, i-iii, e Efésios I, xx-xxii, para que se evitem especulações sobre a natureza da criação que não estejam em conformidade com o ensino dos profetas e apóstolos. A tensão entre a soberania divina e a responsabilidade humana deve ser mantida, não resolvida por uma síntese falsa, mas confessada como mistério da graça.

ii. O Princípio Cristocêntrico.

Toda a Escritura testifica de CRISTO, e Colossenses não é exceção. Seu tema central é a absoluta preeminência de CRISTO e a suficiência da Sua obra. Portanto, cada doutrina, cada exortação, cada advertência e cada ordenança deve ser interpretada à luz da pessoa e da obra do Mediador. A advertência contra a filosofia humana (Col. II, viii) só é compreendida corretamente quando se vê que toda sabedoria que não tem CRISTO como centro é vã e enganosa. A exortação à santificação (Col. III) só é eficaz quando se reconhece que a santificação é fruto da união com CRISTO, e não um esforço autônomo.

iii. O Princípio da Primazia da Doutrina sobre a Experiência.

A experiência cristã, embora genuína e importante, não é o fundamento da fé, mas o seu fruto. A hermenêutica de Colossenses deve começar pelas grandes declarações indicativas do que DEUS fez em CRISTO (capítulos I-II), para então extrair as exortações imperativas (capítulos III-IV). Inverter esta ordem é construir sobre a areia movediça do subjetivismo. O crente não lê Colossenses para encontrar confirmação de suas experiências, mas para corrigir e moldar suas experiências pela verdade objetiva da Palavra.

iv. O Princípio Eclesial e Pactual.

A epístola não foi escrita a um indivíduo isolado, mas à Igreja, ao Corpo de CRISTO. Sua interpretação, portanto, deve ter uma dimensão comunitária. O “nós” e o “vós” de Paulo não são meramente retóricos; refletem a realidade pactual de que a salvação é recebida na comunidade da aliança, e que as bênçãos são compartilhadas com todos os santos. A hermenêutica individualista, que reduz Colossenses a um manual de devoção pessoal, perde a visão cósmica e eclesial do apóstolo.

v. O Princípio do Uso Triplo da Lei e da Liberdade Cristã.

As exortações éticas de Colossenses não são uma nova lei mosaica, mas a aplicação do Evangelho à vida. A lei moral, resumida no Decálogo, permanece como regra perpétua de justiça; mas para o crente, ela funciona como guia de gratidão (terceiro uso), não como meio de justificação. A liberdade cristã, tão enfatizada em Gálatas, é pressuposta em Colossenses: os crentes são livres da condenação, mas são servos de CRISTO, e esta liberdade os capacita a andar em amor, não em licenciosidade. As advertências contra o ascetismo e a falsa humildade (Col. II, xviii-xxiii) devem ser interpretadas à luz da liberdade que CRISTO conquistou.

vi. O Princípio da Iluminação do ESPÍRITO SANTO.

Finalmente, a hermenêutica verdadeira é uma obra do ESPÍRITO. O homem natural não compreende as coisas do ESPÍRITO de DEUS (I Cor. II, xiv). Portanto, o intérprete deve orar, como Paulo orou pelos colossenses, para que DEUS os encha do conhecimento da Sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual (Col. I, ix). Sem esta iluminação, o texto permanece letra morta; com ela, torna-se espírito e vida. Assim, o estudo de Colossenses é um exercício de piedade tanto quanto de erudição, um ato de dependência da Palavra sustentadora, que é a mesma que ilumina os simples e confunde os sábios.

G. CONCLUSÃO GERAL

Esta Epístola, à luz dos princípios hermenêuticos estabelecidos, apresenta-se como a carta magna da preeminência de CRISTO e da suficiência da Sua obra redentora. Nela, o apóstolo não debate heresias com ardor polêmico apenas, mas constrói uma teologia da criação, da reconciliação e da consumação que tem por centro e fim o SENHOR JESUS CRISTO. Paulo escreve como um mordomo dos mistérios de DEUS, desvendando o que estava oculto desde os séculos, e convidando a Igreja a participar daquela plenitude que se encontra somente em CRISTO, sem a qual toda filosofia, tradição e esforço humano são vãos.

A hermenêutica que adotamos — fundamentada na autopistia da Escritura, na cristocentricidade, na primazia da doutrina, na dimensão eclesial e na iluminação do ESPÍRITO — não é um método neutro, mas uma postura de fé. Ela reconhece que o intérprete, como todas as criaturas, é existência comunicada, dependente momento a momento da Palavra que sustenta. Interpretar Colossenses é, pois, deixar-se interpretar por ela; é permitir que a Palavra viva e eficaz penetre até a divisão da alma e do espírito, julgando os pensamentos e intenções do coração (Hebr. IV, xii). E, porque esta carta trata da reconciliação de todas as coisas em CRISTO, ela aponta para o fim último da criação: Soli Deo Gloria. A preeminência de CRISTO é para o louvor da glória da Sua graça; a reconciliação é para o louvor da Sua glória; a Igreja, Corpo de CRISTO, é para o louvor da Sua glória. E na consumação, quando os novos céus e a nova terra forem instaurados, e DEUS for tudo em todos, então a glória exclusiva do DEUS Trino resplandecerá em sua plenitude. Este é o horizonte teológico de Colossenses, e é à luz deste horizonte que toda a exegese será conduzida. Amém.

INTRODUÇÃO À EXEGESE

A Epístola aos Colossenses, embora não figure entre as mais extensas do cânon paulino, encerra em suas entranhas uma cristologia de tal densidade que os séculos não lograram esgotar-lhe o significado. Nela, o apóstolo, algemado em Roma e já veterano nas lutas do ministério, não se ocupa de questões meramente disciplinares ou pastorais de ordem local, antes ergue o véu que encobre a glória do FILHO de DEUS e proclama a absoluta preeminência do Verbo encarnado sobre toda potestade criada, visível e invisível. A exegese que ora se segue não é um exercício de mera erudição, mas uma escuta atenta da voz do ESPÍRITO, que através do apóstolo preso fala à Igreja de todos os tempos. Caminhemos com reverência, certos de que a Palavra sustentadora que mantém os astros em suas órbitas é a mesma que, nestas linhas, revela a glória do FILHO, reorienta a fé dos santos para a única Cabeça de toda a criação, e os exorta a viver de modo digno do SENHOR, frutificando em toda boa obra. Não nos contentaremos com uma leitura superficial; antes, descenderemos às entranhas do texto, guiados pela analogia da fé e iluminados pelo mesmo ESPÍRITO que inspirou o apóstolo, para que a verdade nos seja não apenas conhecida, mas vivida, para glória do DEUS Trino. A presente exposição cobre a totalidade da epístola: os capítulos I e II, que constituem a seção doutrinária, onde se estabelecem os fundamentos eternos da preeminência de CRISTO e se desmascaram as filosofias e tradições humanas; e os capítulos III e IV, que extraem as implicações práticas da nova vida em CRISTO, abrangendo a santificação progressiva, as relações domésticas, a oração vigilante e a comunhão dos santos. Tudo é existência comunicada e sustentada pela Palavra, até mesmo a resposta obediente da criatura ao Criador. Assim, armados com estas chaves, adentremos o santuário do texto, para colher das minas da Escritura o ouro da verdade que enriquece a alma e glorifica o nome do SENHOR. Soli Deo Gloria.

CAPÍTULO I — A PREEMINÊNCIA DE CRISTO NA CRIAÇÃO E NA REDENÇÃO

i. A saudação apostólica e a identificação da graça (Col. I, i–ii)

O apóstolo Paulo apresenta-se como “apóstolo de JESUS CRISTO, pela vontade de DEUS” — expressão que já no limiar da epístola estabelece o princípio da soberania divina na vocação e no ministério. A vocação apostólica de Paulo não foi um ato de sua iniciativa, mas um decreto do conselho eterno, que o separou desde o ventre materno para anunciar o Evangelho aos gentios. Ele associa Timóteo, seu filho na fé, como co-remetente, demonstrando que o ministério cristão, embora exercido com autoridade, é sempre comunitário e participativo. O destinatário é duplamente qualificado: “santos e fiéis irmãos em CRISTO”. A santidade não é uma conquista moral do homem, mas uma posição conferida pela união com CRISTO; a fidelidade é a resposta da fé que persevera até o fim. A saudação — “Graça a vós, e paz, da parte de DEUS nosso PAI, e do SENHOR JESUS CRISTO” — é o selo de toda a comunicação apostólica: a graça é a fonte de toda bênção espiritual, e a paz é o fruto da reconciliação operada por CRISTO. Ambas procedem do PAI e do FILHO, afirmação implícita da divindade de CRISTO, que é colocado em pé de igualdade com o PAI como fonte de bênçãos.

ii. A ação de graças pela fé, esperança e amor dos colossenses (Col. I, iii–viii)

Paulo não cessa de dar graças a DEUS pelos colossenses, e esta ação de graças é o fundamento de toda a sua intercessão. Ele ouviu falar da fé dos santos em CRISTO JESUS e do amor que têm para com todos os santos — as duas faces da mesma moeda da vida cristã: a fé olha para cima, para CRISTO; o amor olha para os lados, para os irmãos. E a esperança, que está reservada nos céus, é o motor que impulsiona a fé e o amor; a esperança é o objeto da fé voltado para o futuro, a certeza da herança eterna que aguarda os eleitos. Paulo menciona que o Evangelho, que chegou a Colossos, frutifica e cresce em todo o mundo, assim como também entre eles, desde o dia em que ouviram e conheceram a graça de DEUS em verdade. Esta universalidade do Evangelho é um argumento contra o exclusivismo judaizante: a graça de DEUS não está restrita a um povo ou a uma cultura, mas se derrama sobre todas as nações. O apóstolo menciona Epafras, seu conserto e fiel ministro, como aquele que lhes anunciou o Evangelho e que se tornara para eles um modelo de zelo e amor. A ação de graças, portanto, não é mera cortesia, mas reconhecimento da operação soberana de DEUS na vida da Igreja, que, mesmo em meio às heresias nascentes, permanece fiel à verdade do Evangelho.

iii. A oração pelo pleno conhecimento da vontade de DEUS (Col. I, ix–xiv)

Paulo declara que, desde o dia em que ouviu falar da fé dos colossenses, não cessa de orar por eles. O conteúdo da oração é tríplice e progressivo, como degraus que conduzem ao ápice da comunhão divina: primeiro, que sejam cheios do conhecimento

da vontade de DEUS, em toda a sabedoria e inteligência espiritual. Este conhecimento não é mera informação intelectual, mas um conhecimento experimental e transformador, que se expressa em discernimento prático. Segundo, que andem de modo digno do SENHOR, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de DEUS. O andar digno é a manifestação externa da vida interior; é a coerência entre a posição em CRISTO e a prática cotidiana. O fruto das boas obras e o crescimento no conhecimento caminham juntos, pois o conhecimento de DEUS não é teórico, mas prático. Terceiro, que sejam fortalecidos com todo o poder, segundo a força da Sua glória, para toda a perseverança e longanimidade. O poder não é para a autossuficiência, mas para a perseverança em meio à tribulação; a longanimidade é a paciência que suporta as provações com gozo. E o gozo é o resultado da ação de graças ao PAI, que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz. A herança não é um território ou uma riqueza material, mas a própria comunhão com DEUS, que nos tirou da potestade das trevas e nos transportou para o Reino do FILHO do Seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados. Esta é a obra da graça soberana, que não apenas perdoa, mas transfere o crente de um domínio a outro — das trevas para a luz, da escravidão para a liberdade, da morte para a vida.

iv. O hino cristológico: a imagem do DEUS invisível e o primogênito de toda a criação (Col. I, xv–xvii)

Paulo eleva-se, então, à mais sublime declaração da preeminência de CRISTO, que constitui o coração teológico de toda a epístola. CRISTO é “a imagem do DEUS invisível” — expressão que não indica mera semelhança, mas a própria exata representação da natureza divina, de modo que aquele que vê CRISTO vê o PAI (Ioann. XIV, ix). Ele é “o primogênito de toda a criação” — não no sentido de ser o primeiro ser criado, como os hereges pretendiam, mas no sentido de primazia absoluta sobre toda a criação, como herdeiro e Senhor de todas as coisas. Esta interpretação é confirmada pelo que se segue: “porque n'Ele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por Ele e para Ele”. CRISTO é, portanto, o Criador de todas as coisas, o agente da criação, e o fim para o qual toda a criação converge. A criação não é obra do PAI apenas, mas do FILHO, que é o Verbo pelo qual todas as coisas foram feitas (Ioann. I, iii). E Ele é “antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele” — isto é, a criação não apenas foi feita por CRISTO, mas é continuamente mantida em existência por Ele, momento a momento, pela Palavra do Seu poder. A doutrina da existência comunicada encontra aqui seu fundamento mais elevado: toda criatura, desde a maior galáxia até o mais ínfimo átomo, subsiste porque CRISTO a sustenta; se Ele retirasse a Sua Palavra, tudo volveria ao nada de onde

proveio. Portanto, a segurança do crente não repousa na estabilidade do mundo, mas na fidelidade do CRISTO que sustenta todas as coisas.

v. A Cabeça do Corpo e o primogênito dentre os mortos (Col. I, xviii)

A preeminência de CRISTO na criação (versículos xv–xvii) é seguida por Sua preeminência na redenção (versículo xviii): “Ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência.” A Igreja é o Corpo do qual CRISTO é a Cabeça — uma metáfora orgânica que enfatiza a dependência total dos membros em relação à Cabeça, a unidade vital entre si, e o crescimento conjunto. CRISTO não é apenas o Criador e Sustentador do universo, mas também o Redentor e Cabeça da nova criação, que é a Igreja. Ele é “o princípio” — a origem e a fonte da nova vida — e “o primogênito dentre os mortos” — o primeiro a ressuscitar para a glória, garantindo a ressurreição de todos os que Lhe pertencem. O propósito de toda esta preeminência é que “em tudo tenha a preeminência” — não apenas na criação, não apenas na redenção, mas em todas as coisas, para que o FILHO seja honrado como o PAI é honrado (Ioann. V, xxiii). Esta é a confissão que a Igreja deve fazer: CRISTO é o centro de todas as coisas, a chave hermenêutica da história e da existência, e a Ele deve ser dada toda a glória.

vi. A reconciliação cósmica e a paz pelo sangue da cruz (Col. I, xix–xx)

O apóstolo declara que “aprouve a DEUS que n'Ele habitasse toda a plenitude” — não uma parte da Deidade, mas toda a plenitude, de modo que CRISTO é verdadeira e plenamente DEUS, sem diminuição ou esvaziamento de Sua glória. E, por meio d'Ele, DEUS reconciliou consigo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus, fazendo a paz pelo sangue da Sua cruz. Esta reconciliação é cósmica em seu alcance: abrange não apenas a humanidade crente, mas toda a ordem criada, que geme e espera a libertação da corrupção (Rom. VIII, xix–xxii). A cruz é o lugar onde a inimizade é morta, onde a justiça é satisfeita e onde a paz é proclamada. A expressão “fazendo a paz pelo sangue da Sua cruz” indica que a paz não é um mero acordo ou trégua, mas uma reconciliação efetiva, fundada no sacrifício expiatório de CRISTO. A doutrina da substituição vicária está aqui implícita: CRISTO tomou sobre Si a culpa dos pecadores, suportou a ira divina e, pela Sua obediência ativa e passiva, satisfez a justiça do PAI, reconciliando os inimigos e fazendo-os filhos. Esta reconciliação, porém, não é universalista em sua eficácia, pois é aplicada apenas aos que creem; mas é universal em sua suficiência, pois o valor do sacrifício de CRISTO é infinito, suficiente para todos os que vierem a Ele pela fé.

vii. A reconciliação aplicada: santos, irrepreensíveis e inculpáveis (Col. I, xxi–xxiii)

Paulo aplica a doutrina da reconciliação à condição passada e presente dos colossenses. Eles, outrora, estavam alienados e inimigos no entendimento, pelas obras más; mas agora, pela morte de CRISTO na carne, foram reconciliados, para serem apresentados santos, irrepreensíveis e inculpáveis diante de DEUS. Esta é a linguagem do tribunal divino: o crente é declarado santo — separado para DEUS —, irrepreensível — sem mácula que possa ser imputada —, e inculpável — sem culpa que possa ser lançada contra ele. Esta posição é inteiramente obra da graça, não dos méritos humanos; e é mantida “se permanecerdes na fé, fundados e firmes, e não vos moverdes da esperança do Evangelho que ouvistes”. A perseverança, longe de ser uma condição meritória, é o meio pelo qual a reconciliação é fruída; a fé é o instrumento que recebe e mantém a graça. A expressão “que foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu” enfatiza a universalidade do mandato missionário: o Evangelho não é um privilégio restrito, mas uma oferta aberta a todos os povos, e Paulo se gloria de ser ministro deste Evangelho.

viii. O ministério de Paulo como mordomo do mistério (Col. I, xxiv–xxix)

Paulo conclui o capítulo com uma declaração sobre o seu ministério, que é ao mesmo tempo uma defesa de sua vocação e uma exortação à perseverança. Ele se regozija nas tribulações por eles, e completa “o que resta das aflições de CRISTO” em sua carne. Esta expressão não significa que a obra expiatória de CRISTO seja deficiente; antes, significa que as aflições do apóstolo, como membro do Corpo de CRISTO, são uma participação nos sofrimentos do SENHOR, e que elas servem para a edificação da Igreja. Paulo foi constituído ministro para anunciar a Palavra de DEUS, o mistério que esteve oculto desde os séculos, mas agora foi manifestado aos santos. O mistério não é algo irracional ou ininteligível, mas o que antes estava oculto e agora é revelado: “que entre os gentios há a riqueza da glória deste mistério, que é CRISTO em vós, esperança da glória”. Esta é a essência do Evangelho: CRISTO habitando no crente pela fé, e esta habitação é a garantia da glória futura. Paulo anuncia, admoesta e ensina a todo homem em toda a sabedoria, para apresentar todo homem perfeito em CRISTO. O alvo do ministério não é a mera conversão, mas a maturidade espiritual; e para isso, o apóstolo trabalha, lutando segundo o poder de DEUS que opera nele poderosamente. Este poder não é humano, mas divino, e é o mesmo poder que ressuscitou CRISTO dentre os mortos, agora operando na fraqueza do servo para a edificação da Igreja.

CAPÍTULO II — A SUFICIÊNCIA DE CRISTO E A ADVERTÊNCIA CONTRA A FILOSOFIA

i. A luta pastoral de Paulo pela edificação dos santos (Col. II, i–v)

O apóstolo declara o quanto ele luta pelos colossenses, e pelos que não viram o seu rosto, para que os corações sejam consolados, unidos em amor, e enriquecidos em todo o conhecimento, para o pleno entendimento do mistério de DEUS, que é CRISTO, “em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”. Esta afirmação é o antídoto contra toda filosofia e especulação humana: a sabedoria plena não está em sistemas filosóficos, nem em tradições judaicas, nem em visões místicas, mas em CRISTO. Os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão escondidos n'Ele — não como algo a ser descoberto por esforço humano, mas como uma realidade revelada pela fé. Paulo luta não com armas carnis, mas com a oração, a exortação e a Palavra, para que os santos não sejam enganados por discursos persuasivos, mas permaneçam firmes na fé que receberam. Ele se alegra ao ver a ordem e a firmeza da fé dos colossenses, pois a ordem é a marca da disciplina cristã, e a firmeza da fé é a evidência da ação do ESPÍRITO.

ii. O andar em CRISTO: enraizados e edificados (Col. II, vi–vii)

A exortação prática emerge da doutrina: “Portanto, assim como recebestes a CRISTO JESUS, o SENHOR, assim andai n'Ele”. O recebimento de CRISTO é o ato inicial da fé; o andar em CRISTO é o processo contínuo da vida cristã. Este andar é descrito por quatro metáforas que se complementam: “enraizados” — como uma árvore que lança raízes profundas no solo, assim o crente deve estar firmado em CRISTO, não em filosofias ou tradições humanas; “edificados” — como um edifício que cresce sobre o fundamento da fé, assim o crente deve ser edificado na doutrina e na piedade; “confirmados na fé” — como uma estrutura que recebe reforços, assim o crente deve ter a certeza das verdades que aprendeu; “abundando em ação de graças” — como um rio que transborda, assim o crente deve ter o coração cheio de gratidão a DEUS. A ação de graças é a marca do crente que reconhece que tudo o que tem e é procede da graça de DEUS, e que, portanto, não há espaço para o orgulho ou a autossuficiência. Este andar é a resposta à suficiência de CRISTO, que contém todas as riquezas da sabedoria e do conhecimento.

iii. A advertência contra a filosofia e as tradições humanas (Col. II, viii–x)

Paulo profere uma advertência solene: “Cuidado, que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo CRISTO”. Esta advertência é dirigida contra todas as formas de sabedoria humana que pretendem suplementar ou substituir a revelação de DEUS em CRISTO. A filosofia, em si mesma, não é condenada; mas a

filosofia que não tem CRISTO como centro e fundamento é vã e enganosa, pois se baseia em “tradição dos homens” e em “rudimentos do mundo” — expressão que pode designar os elementos fundamentais da religião pagã, as especulações judaicas sobre anjos e calendários, ou as regras ascéticas que pretendem domar a carne. Paulo contrasta esta falsa sabedoria com a verdadeira realidade: “Porque n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da Deidade”. Esta é a afirmação mais forte da divindade de CRISTO em toda a Escritura: não uma parte, mas toda a plenitude; não em espírito apenas, mas corporalmente, na encarnação. E, em consequência, “estais perfeitos n'Ele” — não precisais de acréscimos humanos, porque em CRISTO tendes tudo o que é necessário para a salvação e a santificação. Ele é a Cabeça de todo principado e potestade, e, portanto, está acima de todas as hostes espirituais, sejam elas boas ou más.

iv. A circuncisão espiritual e a morte para os rudimentos do mundo (Col. II, xi–xv)

Paulo aplica a doutrina da união com CRISTO à experiência da salvação, usando a imagem da circuncisão e do batismo. Os crentes foram “circuncidados com a circuncisão não feita por mão, no despojo do corpo da carne, a circuncisão de CRISTO”. A circuncisão física, sinal da aliança antiga, é substituída pela circuncisão espiritual, que é a remoção do velho homem, a morte da natureza caída, operada pela união com CRISTO em Sua morte. E esta união é selada no batismo: “sepultados com Ele no batismo, n'Ele também ressuscitastes pela fé no poder de DEUS, que O ressuscitou dentre os mortos”. O batismo não é um mero rito de iniciação, mas um sinal e selo da união com CRISTO na Sua morte e ressurreição; o crente morre para o pecado e ressuscita para uma nova vida. E, como resultado, DEUS “vos vivificou, juntamente com Ele, perdoando-vos todas as ofensas”. O perdão é completo e definitivo, pois a dívida que estava contra nós, com seus decretos, foi cancelada, sendo pregada na cruz. E, na cruz, CRISTO despojou os principados e potestades, os exibiu publicamente, e triunfou sobre eles. Esta é a vitória definitiva de CRISTO sobre todas as hostes espirituais que se opõem ao propósito de DEUS; a cruz é o lugar onde o poder do pecado e da morte foi quebrado, e onde o diabo foi derrotado.

v. A liberdade em relação à lei cerimonial e ao ascetismo (Col. II, xvi–xvii)

Paulo exorta os crentes a não se deixarem julgar por aqueles que impõem regras sobre comida, bebida, festas, lua nova ou sábados. Estas coisas são “sombra das coisas que haviam de vir, mas o corpo é de CRISTO”. A lei cerimonial do Antigo Testamento era uma sombra que apontava para a realidade, que é CRISTO. Agora que a realidade chegou, a sombra perdeu sua função; os crentes não estão mais obrigados aos rituais e calendários da antiga aliança, pois estas coisas eram apenas tipos que encontram seu cumprimento em CRISTO. A consciência cristã não deve ser cativa a mandamentos humanos que pretendem regular a vida espiritual com base em

abstinências ou observâncias; a verdadeira liberdade cristã é a liberdade de viver em CRISTO, não segundo os rudimentos do mundo, mas segundo o ESPÍRITO.

vi. A denúncia da falsa humildade e da adoração de anjos (Col. II, xviii–xix)

Paulo adverte contra aqueles que, com “falsa humildade” e “culto dos anjos”, pretendem ter uma sabedoria superior. Esta heresia, que parece ter sido uma forma de judaísmo místico, exaltava a mediação de anjos e a prática de austeridades como meio de alcançar uma espiritualidade mais elevada. Paulo denuncia esta atitude como vã e orgulhosa, pois “intromete-se no que não viu” — ou seja, baseia-se em especulações e visões subjetivas, não na Palavra revelada. E, ao fazer isso, “não se apegava à Cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, cresce com o crescimento de DEUS”. A verdadeira espiritualidade não consiste em visões místicas ou em práticas ascéticas, mas em apegar-se a CRISTO, a Cabeça, de quem todo o corpo recebe sustento e crescimento. Qualquer ensinamento que desvie a atenção de CRISTO, ainda que pareça piedoso, é um engano do inimigo, que busca roubar a glória que pertence somente ao FILHO.

vii. A morte para os rudimentos e a vida em CRISTO (Col. II, xx–xxiii)

Paulo conclui o capítulo com uma pergunta retórica: “Se, pois, morrestes com CRISTO quanto aos rudimentos do mundo, por que vos sujeitais ainda a ordenanças, como se vivésseis no mundo?” Os crentes, tendo morrido com CRISTO, estão livres das ordenanças humanas que pretendem regular a vida espiritual por meio de “não toques, não proves, não manuseies” — regras que têm aparência de sabedoria, mas que, na verdade, são de nenhum valor contra a sensualidade e a carne. O ascetismo, por mais severo que seja, não pode domar o coração humano; a verdadeira santificação vem pela união com CRISTO, não pela observância de preceitos humanos. Paulo denuncia estas ordenanças como “mandamentos e doutrinas de homens” — uma citação de Isaías XXIX, xiii, que denuncia a religião baseada em tradições humanas em vez da Palavra de DEUS. A liberdade cristã, portanto, não é licença para o pecado, mas a liberdade de viver em CRISTO, sem estar sujeito a regras humanas que não têm fundamento bíblico e que não podem produzir verdadeira piedade. A verdadeira sabedoria está em CRISTO, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento; fora d'Ele, toda filosofia, tradição e ascetismo são vãos e enganosos.

CAPÍTULO III — A NOVA VIDA EM CRISTO E A SANTIFICAÇÃO PROGRESSIVA

i. Buscar as coisas do alto: a orientação escatológica da vida cristã (Col. III, i–iv)

O apóstolo, tendo estabelecido que os crentes morreram com CRISTO quanto aos rudimentos do mundo (Col. II, xx), extrai a consequência lógica e espiritual: “Portanto, se já ressuscitastes com CRISTO, buscai as coisas que são de cima, onde CRISTO está assentado à destra de DEUS”. A ressurreição espiritual, operada pela união com CRISTO, implica uma nova orientação da vida: os olhos, o coração e a mente do crente devem estar voltados para o alto, para a esfera celestial onde CRISTO reina. A expressão “buscai as coisas que são de cima” indica um esforço ativo e contínuo, uma direção deliberada da vida para aquilo que é eterno e divino, em contraste com as coisas terrenas que perecem. E Paulo reforça: “pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra” — não que o crente deva negligenciar seus deveres terrenos, mas que sua perspectiva, seus valores e suas aspirações devem ser moldados pela realidade celestial, onde CRISTO está. A razão para esta orientação é que “já morrestes, e a vossa vida está escondida com CRISTO em DEUS”. O crente, tendo morrido com CRISTO para o pecado e para o mundo, tem sua vida oculta, segura e preservada em CRISTO, de modo que nenhuma força terrestre pode atingi-la. Esta vida escondida não é uma fuga da realidade, mas uma certeza inabalável: o crente já participa da vida eterna, ainda que sua manifestação plena aguarde a consumação. E, quando CRISTO, que é a nossa vida, se manifestar, então os crentes também se manifestarão com Ele em glória. Esta esperança escatológica é o motor da santificação: a certeza da glória futura impulsiona o crente a viver de modo digno da vocação celestial, sabendo que o que ele é em CRISTO agora será plenamente revelado na Parusia.

ii. Mortificar os membros terrenos: a batalha contra o pecado (Col. III, v–vii)

A orientação para as coisas do alto é inseparável da mortificação do pecado. Paulo exorta: “Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra”. A palavra “mortificar” (*nekroō*) indica um ato radical e contínuo de matar o pecado em suas manifestações, não como um ato meramente externo, mas como uma disposição interior que nega vigor à natureza caída. O apóstolo então enumera os pecados que devem ser mortificados: “fornicação, impureza, paixão lasciva, mau desejo, e a avareza, que é idolatria”. A lista não é exaustiva, mas representativa das obras da carne que procedem do coração corrompido. A fornicação e a impureza são pecados contra o corpo e contra a santidade do matrimônio; a paixão lasciva e o mau desejo são os movimentos interiores que precedem e alimentam os atos exteriores; e a avareza, que é idolatria, revela que o amor ao dinheiro e às posses é uma forma de adoração a um falso deus, pois coloca a criatura no lugar do Criador. Paulo justifica esta exortação lembrando aos colossenses que “por estas coisas vem a ira de DEUS

sobre os filhos da desobediência”, e que eles mesmos, no passado, andaram nelas, quando viviam nelas. A memória do estado passado de escravidão ao pecado deve servir como estímulo para a santificação presente: o crente, tendo sido libertado da potestade das trevas, não deve mais voltar ao jugo da corrupção. A mortificação, portanto, não é uma obra que o crente realiza em suas próprias forças, mas uma resposta à graça que o libertou, operada pelo ESPÍRITO que habita nele e o capacita a dizer não ao pecado.

iii. Despojar-se do velho homem e revestir-se do novo (Col. III, viii–xi)

A mortificação dos pecados específicos (versículos v–vii) é seguida por uma exortação mais ampla ao despojamento do velho homem e ao revestimento do novo. Paulo ordena: “Mas agora despojai-vos também de tudo isto: ira, cólera, malícia, maledicência, palavras torpes da vossa boca; não mintais uns aos outros”. Os pecados mencionados agora são de natureza relacional e social: a ira e a cólera são explosões de raiva que ferem o próximo; a malícia é a disposição interior para o mal; a maledicência e as palavras torpes são expressões verbais que corrompem e denigrem; e a mentira é a negação da verdade que deve caracterizar o povo de DEUS. A razão para este despojamento é que “vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos revestistes do novo, que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou”. O velho homem é a natureza caída, herdada de Adão, que se caracteriza pelo pecado e pela rebelião; o novo homem é a natureza regenerada, criada em CRISTO, que se caracteriza pela justiça e pela santidade. Este revestimento não é um evento único, mas um processo contínuo de renovação, no qual o crente é progressivamente transformado à imagem de CRISTO, o segundo Adão. E esta nova natureza transcende todas as distinções humanas: “onde não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas CRISTO é tudo em todos”. A unidade em CRISTO é mais profunda do que qualquer diferença étnica, cultural ou social; a Igreja é o lugar onde estas distinções são relativizadas pela identidade comum em CRISTO, que é a Cabeça de todos os membros do Seu Corpo.

iv. Revestir-se das virtudes do novo homem e do amor (Col. III, xii–xiv)

O despojamento do velho homem é seguido pelo revestimento do novo, que Paulo descreve em termos de virtudes que são frutos do ESPÍRITO: “Revesti-vos, pois, como eleitos de DEUS, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade”. A identificação dos crentes como “eleitos de DEUS, santos e amados” é o fundamento da exortação: eles são escolhidos por DEUS, separados para Ele, e objeto do Seu amor eterno; portanto, devem viver de modo coerente com esta identidade. As virtudes enumeradas — misericórdia, benignidade, humildade, mansidão, longanimidade — são o caráter de CRISTO, que o crente deve revestir como uma veste, de modo que estas disposições se tornem a marca distintiva

de sua vida. E a estas virtudes, Paulo acrescenta: “suportando-vos uns aos outros, e perdando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como CRISTO vos perdoou, assim fazei vós também”. O perdão mútuo é a pedra de toque da comunidade cristã: assim como CRISTO, na cruz, perdoou os seus ofensores e cancelou a dívida do pecado, assim os crentes devem perdoar uns aos outros, não com um perdão superficial, mas com um perdão que reflete a graça que receberam. E, por cima de todas estas virtudes, Paulo coloca o amor: “E, sobre tudo isto, revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição”. O amor não é apenas mais uma virtude, mas a virtude que une e completa todas as outras; é o vínculo que mantém a comunidade unida e que aperfeiçoa a vida cristã. O amor, como o apóstolo ensina em I Coríntios XIII, é paciente, benigno, não inveja, não se orgulha; e é a expressão mais alta da nova natureza em CRISTO.

v. A paz de CRISTO como árbitro e a Palavra habitando abundantemente (Col. III, xv–xvii)

Paulo exorta os crentes a deixar “a paz de CRISTO reinar em vossos corações, à qual também fostes chamados em um só corpo”. A paz de CRISTO não é apenas ausência de conflito, mas uma harmonia profunda que procede da reconciliação com DEUS e que deve governar os relacionamentos na Igreja. Esta paz é o árbitro (brabeuō) que decide as disputas e orienta as decisões da comunidade, de modo que as diferenças sejam resolvidas não por contenda, mas pela submissão à paz que CRISTO concede. E a esta paz se une a gratidão: “e sede agradecidos”. A ação de graças é a resposta natural daquele que reconhece que tudo o que tem e é procede da graça de DEUS. Em seguida, Paulo exorta: “A Palavra de CRISTO habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao SENHOR com graça em vossos corações”. A Palavra de CRISTO não é apenas um livro a ser lido ocasionalmente, mas uma realidade viva que deve habitar abundantemente no coração e na comunidade, de modo que os crentes sejam cheios da sabedoria de CRISTO e possam ensinar e admoestar uns aos outros. A admoestação mútua é um dever pastoral de todos os membros do Corpo, exercido com mansidão e amor, e os salmos, hinos e cânticos espirituais são o veículo pelo qual a Palavra é cantada e celebrada, enchendo os corações de gratidão e louvor. E tudo o que os crentes fizerem, “em palavra ou em obra, fazei tudo em nome do SENHOR JESUS, dando por Ele graças a DEUS PAI”. Esta é a aplicação prática da preeminência de CRISTO: todas as atividades da vida — o falar, o trabalhar, o relacionar-se — devem ser feitas em Sua autoridade e para Sua glória, com um coração grato ao PAI, que nos deu todas as coisas em CRISTO.

vi. As relações domésticas: esposas e maridos (Col. III, xviii–xix)

A partir do versículo xviii, Paulo aplica os princípios da nova vida em CRISTO às relações domésticas, começando pelo matrimônio, que é a célula fundamental da sociedade e da Igreja. A exortação às esposas é: “Vós, mulheres, estai sujeitas a vossos maridos, como convém no SENHOR”. A sujeição não é submissão servil ou degradante, mas uma resposta voluntária à liderança amorosa do marido, como a Igreja se sujeita a CRISTO. Esta sujeição é “no SENHOR”, ou seja, dentro dos limites da obediência a CRISTO, e nunca em violação da Palavra de DEUS. E a exortação aos maridos é: “Vós, maridos, amai a vossas mulheres, e não vos irriteis contra elas”. O amor do marido deve ser sacrificial, como o amor de CRISTO pela Igreja; e a irritação, a aspereza e a tirania são proibidas, pois o marido é chamado a tratar a esposa com respeito, honra e ternura, como vaso mais frágil e como co-herdeira da graça da vida. Esta ordenação não procede do pecado, mas da sabedoria criacional de DEUS, e permanece debaixo do Novo Pacto como um reflexo da relação de CRISTO com a Igreja. O matrimônio, portanto, não é uma mera instituição social, mas uma aliança pactual que testemunha o Evangelho ao mundo, onde a ordem divina — o marido como cabeça amorosa e a esposa como auxiliadora fiel — é vivida em submissão a CRISTO.

vii. As relações domésticas: filhos e pais, servos e senhores (Col. III, xx–IV, i)

A exortação estende-se aos filhos: “Vós, filhos, obedecei a vossos pais em tudo, porque isto é agradável ao SENHOR”. A obediência filial é um dever que agrada a DEUS, e é acompanhada da promessa do quinto mandamento: “para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra”. E, aos pais: “Vós, pais, não irriteis a vossos filhos, para que não se desanimem”. A autoridade parental não deve ser exercida com severidade ou injustiça, mas com amor e disciplina moderada, que edifica e não desanima. Em seguida, Paulo trata das relações entre servos e senhores: “Vós, servos, obedecei em tudo a vossos senhores segundo a carne, não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas com simplicidade de coração, temendo ao SENHOR”. O serviço ao homem é, em última análise, serviço a CRISTO, e deve ser feito com sinceridade e temor a DEUS, não com hipocrisia ou por conveniência. O servo deve trabalhar de todo o coração, como para o SENHOR, sabendo que do SENHOR receberá a recompensa da herança, pois serve a CRISTO, o verdadeiro SENHOR. E, aos senhores: “Vós, senhores, fazei o que é de justiça e equidade a vossos servos, sabendo que também vós tendes um SENHOR nos céus”. A autoridade, na esfera terrena, é exercida sob a autoridade suprema de CRISTO, e deve ser marcada pela justiça e pela equidade, lembrando que todos os homens, senhores e servos, são igualmente servos de um mesmo SENHOR, que não faz acepção de pessoas. Este ensino revolucionário transformou as relações sociais, dando dignidade ao trabalho e responsabilidade à autoridade, e apontando para a igualdade espiritual de todos diante

de DEUS. A distinção de funções não anula a igualdade de dignidade; todos são servos de um mesmo SENHOR, e todos responderão a Ele por suas ações.

CAPÍTULO IV — A ORAÇÃO, O TESTEMUNHO E A COMUNHÃO DOS SANTOS

i. A exortação à oração vigilante e à ação de graças (Col. IV, ii–iv)

O apóstolo, tendo exortado os crentes a andar em sabedoria e a deixar a Palavra de CRISTO habitar abundantemente em seus corações (Col. III, xvi), dirige-se agora à oração como o meio pelo qual a vida cristã é sustentada e o Evangelho avança. Ele ordena: “Perseverai em oração, vigiando com ação de graças”. A oração não é um ato ocasional ou uma formalidade religiosa, mas uma perseverança contínua, uma atitude de dependência constante do crente em relação ao seu DEUS. A palavra “perseverar” (proskartereō) indica uma devoção firme e ininterrupta, como a dos primeiros discípulos que “perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações” (Act. II, xlii). A vigilância, por sua vez, é a atitude de quem está alerta, ciente das ciladas do inimigo e das necessidades do Reino, não permitindo que o espírito se entorpeça pela rotina ou pela acomodação. E a ação de graças é o tempero que acompanha toda oração verdadeira, pois o crente que reconhece a bondade e a fidelidade de DEUS em todas as circunstâncias ora com confiança, não com ansiedade. Paulo especifica o conteúdo da oração: “orando também juntamente por nós, para que DEUS nos abra a porta da palavra, a fim de falarmos do mistério de CRISTO, pelo qual estou preso”. O apóstolo, mesmo sendo o grande missionário dos gentios, não dispensa a intercessão da Igreja; ele reconhece que sua obra depende da graça de DEUS, que opera mediante a oração dos santos. A “porta da palavra” é a oportunidade providencial para anunciar o Evangelho, e o “mistério de CRISTO” é a verdade da reconciliação que ele proclama. Ele pede que possa “manifestá-lo, como devo falar” — ou seja, com clareza, ousadia e fidelidade, sem se deixar intimidar pelas cadeias ou pela oposição. Esta exortação revela que a oração é o combustível da missão da Igreja; sem ela, o testemunho se enfraquece; com ela, as portas se abrem e o Evangelho avança.

ii. A sabedoria para com os de fora e o sal temperado (Col. IV, v–vi)

A oração é acompanhada pela exortação à conduta sábia no mundo: “Andai com sabedoria para com os que estão de fora, aproveitando bem o tempo”. A expressão “os que estão de fora” designa os incrédulos, aqueles que não pertencem à comunidade da aliança. O crente não vive isolado em uma bolha espiritual; ele está inserido no mundo, e sua conduta deve ser marcada pela sabedoria — não a sabedoria humana, mas a sabedoria que vem do alto, que é pura, pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos (Iac. III, xvii). Esta sabedoria se manifesta em “aproveitar bem o tempo” (exagorazomenoi ton kairon), expressão que indica a compra das oportunidades, o uso redentor do tempo, a percepção de que cada momento é uma oportunidade para testemunhar, servir e glorificar a DEUS. O tempo é um dom precioso e limitado, e o crente deve empregá-lo com diligência e propósito. E a conduta sábia é complementada pela fala: “A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como vos convém responder a cada um”. A palavra agradável não é uma adulação vazia, mas uma comunicação que edifica, que transmite graça aos ouvintes, que é cortês e verdadeira. O “sal” é o tempero que preserva e dá sabor; a palavra cristã deve ser marcada pela graça e pela verdade, de modo que o crente saiba responder a cada pessoa, segundo a sua necessidade e a sua condição, com mansidão e temor (I Pet. III, xv). Esta exortação prepara o crente para o testemunho cotidiano, onde a vida e a fala se tornam instrumentos do Evangelho, atraindo os que estão de fora para a luz de CRISTO.

iii. A comissão de Tíquico e Onésimo: mensageiros da comunhão (Col. IV, vii–ix)

Paulo agora apresenta os portadores da carta, que são também os mensageiros da sua comunhão e do seu estado. “Tíquico, irmão amado, e fiel ministro, e conservo no SENHOR, vos fará saber tudo a meu respeito.” Tíquico não é um mero carteiro, mas um irmão amado — relação de afeto espiritual —, fiel ministro — relação de serviço dedicado —, e conservo — relação de cooperação no Evangelho. Ele foi enviado por Paulo para informar os colossenses sobre a situação do apóstolo e para consolar os seus corações. A informação sobre o estado de Paulo não é mera curiosidade, mas um ato de comunhão: os membros do Corpo de CRISTO compartilham as alegrias e as tristezas uns dos outros, e o conhecimento das cadeias do apóstolo é também um estímulo à oração e à perseverança. Paulo envia também Onésimo, “fiel e amado irmão, que é dentre vós”. Onésimo, o escravo fugitivo que outrora fora inútil a Filemom, agora é apresentado como irmão fiel e amado, membro da comunidade colossense. Sua transformação pela graça é uma demonstração do poder do Evangelho, e seu retorno a Colossos, como portador da carta, é um ato de reconciliação e de testemunho. A inclusão de Onésimo na missão de Tíquico revela que o Evangelho não apenas perdoa os pecados, mas restaura as relações e eleva os outrora marginalizados à posição de cooperadores na obra do Reino. A menção de que ele “é

dentre vós” sublinha a sua identidade como membro do Corpo, e a recomendação de Paulo é uma garantia de que ele deve ser recebido como irmão, não como escravo.

iv. As saudações dos cooperadores judeus (Col. IV, x–xi)

Paulo transmite saudações dos cooperadores que estão com ele, e a primeira menção é de Aristarco, “que está comigo na prisão”. Aristarco, natural de Tessalônica, é mencionado em Actus XIX, xxix como companheiro de Paulo em Éfeso, e agora compartilha das suas cadeias em Roma. Ele é um exemplo de fidelidade e comunhão no sofrimento, um testemunho de que a amizade cristã é mais forte do que as algemas. Em seguida, Paulo menciona Marcos, o primo de Barnabé, “a respeito do qual já recebestes instruções; se for ter convosco, recebei-o”. Marcos, que outrora abandonara Paulo e Barnabé na primeira viagem missionária (Actus XIII, xiii; XV, xxxvii–xxxviii), agora está reconciliado com o apóstolo e é útil para o ministério. Este é um testemunho da graça restauradora: o que fora motivo de dissensão agora é motivo de alegria, e Paulo recomenda Marcos à hospitalidade da Igreja. E, por fim, menciona Jesus, chamado Justo, “que são da circuncisão”. Estes três — Aristarco, Marcos e Justo — são os únicos cooperadores judeus que ficaram com Paulo, e ele declara que “estes só são os meus cooperadores no Reino de DEUS, e para mim têm sido consolação”. A consolação que eles trazem é a comunhão na fé, o compartilhamento das lutas e a fidelidade em meio à perseguição. Paulo não se queixa da ausência dos outros, mas se alegra na presença destes, reconhecendo que a graça de DEUS se manifesta em cada irmão fiel.

v. As saudações dos cooperadores gentios e a referência a Epafras (Col. IV, xii–xiv)

Paulo continua com as saudações dos cooperadores gentios, e a primeira e mais extensa referência é a Epafras, “que é um de vós, servo de CRISTO”. Epafras, provavelmente o fundador da Igreja de Colossos (Col. I, vii), é descrito como alguém que “sempre luta por vós em oração, para que vos conserveis firmes, perfeitos e completos em toda a vontade de DEUS”. A palavra “luta” (agōnizomai) indica um esforço intenso e contínuo na oração, como um atleta que se dedica à competição. Epafras não ora passivamente, mas combate espiritualmente pela maturidade da Igreja, pedindo que os colossenses permaneçam firmes na fé, sejam perfeitos — completos em sua posição em CRISTO — e completos em toda a vontade de DEUS — plenamente obedientes e conformados ao propósito divino. Paulo testifica que Epafras “tem grande zelo por vós, e pelos que estão em Laodiceia, e pelos que estão em Hierápolis”. O zelo de Epafras não é sectário, mas abrange todas as igrejas da região, mostrando que a comunhão dos santos transcende as congregações locais. Em seguida, Paulo menciona Lucas, “o médico amado”, autor do Evangelho e de Atos, que acompanhava Paulo em suas viagens, e Demas, que mais tarde o abandonaria (II Tim.

IV, x). A menção de Demas, sem qualquer nota de censura aqui, é um lembrete da fragilidade humana e da necessidade de perseverança; o mesmo que agora saúda os colossenses mais tarde se desviaria, amando o presente século. A diversidade dos cooperadores — judeus e gentios, mestres e médicos, servos e homens livres — revela a universalidade do Evangelho e a unidade do Corpo de CRISTO, onde cada membro tem um dom e uma função para a edificação comum.

vi. As saudações finais e a instrução sobre a leitura da carta (Col. IV, xv–xviii)

Paulo encerra a epístola com saudações pessoais e instruções práticas. Ele saúda os irmãos que estão em Laodiceia, e especialmente Ninfas, “e à igreja que está em sua casa”. A Igreja primitiva se reunia em lares, e a hospitalidade era um dom essencial para a vida da comunidade. A menção da casa de Ninfas é um testemunho da importância da família como célula da Igreja, onde a Palavra é ensinada, os sacramentos são administrados e a comunhão é exercida. Paulo instrui: “E, quando esta epístola tiver sido lida entre vós, fazei que também seja lida na igreja dos laodicenses, e a de Laodiceia lede-a vós também”. A leitura pública das epístolas era uma prática estabelecida, e a circulação das cartas entre as igrejas evidenciava a unidade do Corpo e a autoridade apostólica. A epístola aos Laodicenses, mencionada aqui, não chegou até nós, ou pode ser a própria Efésios, que circulava como carta encíclica; o importante é que a Palavra de DEUS não deve ser confinada a uma única congregação, mas deve ser compartilhada para edificação de todo o Corpo. E, por fim, Paulo escreve com sua própria mão: “Lembra-vos das minhas prisões. A graça seja convosco”. Esta assinatura autógrafa é um selo de autenticidade e uma expressão de afeto pastoral. A menção das prisões é um lembrete de que o apóstolo escreve algemado, mas também um testemunho de que a Palavra de DEUS não está algemada. E a bênção final — “A graça seja convosco” — é a conclusão adequada para uma carta que proclamou a graça soberana de DEUS em CRISTO, a graça que eleger, que redime, que santifica, que capacita, e que conduz à glória.

CONCLUSÃO GERAL DA EXEGESE E APLICAÇÃO PASTORAL

Aos Colossenses, exaurida em sua análise, revela-se como uma das mais sublimes exposições da preeminência de CRISTO e da suficiência da Sua obra redentora em todo o cânon sagrado. O apóstolo Paulo, algemado em Roma, não escreve para abalar as estruturas sociais com um golpe revolucionário, mas para estabelecer os alicerces da fé na Rocha inamovível que é o FILHO de DEUS, em quem habita corporalmente toda a plenitude da Deidade. A exegese demonstrou que cada capítulo é uma pedra preciosa no edifício da redenção: o capítulo I proclama a preeminência de CRISTO na criação e na redenção, apresentando-O como a imagem do DEUS invisível, o primogênito de toda a criação, o Criador e Sustentador do universo, e o Cabeça do

Corpo que é a Igreja; o capítulo II adverte contra as filosofias e tradições humanas que pretendem suplementar a obra de CRISTO, e reafirma que n'Ele os crentes estão completos, tendo sido circuncidados espiritualmente, sepultados com Ele no batismo, e ressuscitados com Ele pela fé; o capítulo III extrai as implicações práticas desta doutrina, exortando os crentes a buscar as coisas do alto, a mortificar os membros terrenos, a revestir-se do novo homem, e a viver em submissão a CRISTO em todas as relações domésticas; e o capítulo IV coroa a epístola com a exortação à oração vigilante, à conduta sábia para com os de fora, e com saudações que revelam a comunhão viva dos santos, unidos pelo mesmo ESPÍRITO e sustentados pela mesma Palavra Fundante.

A mensagem de Colossenses é perene e de aplicação imediata à Igreja de todos os tempos. Ela confronta todo sincretismo religioso que dilui a exclusividade de CRISTO; desafia toda filosofia que pretende explicar a realidade sem referência ao Verbo encarnado; condena todo ascetismo que confunde austeridade com santidade; e exorta a Igreja a viver em unidade, amor e santidade, como Corpo do qual CRISTO é a Cabeça. O crente, ao estudar esta epístola, é chamado a contemplar as riquezas insondáveis de CRISTO, a depender exclusivamente d'Ele para a salvação e a santificação, e a andar de modo digno do SENHOR, frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de DEUS. A preeminência de CRISTO não é uma doutrina abstrata, mas a realidade que rege toda a existência: Ele é a Palavra Fundante que chama à existência e sustenta momento a momento todas as coisas; Ele é a Cabeça de todo principado e potestade; Ele é a esperança da glória, a garantia da ressurreição e a certeza da consumação.

E, porque toda a realidade é existência comunicada e sustentada momento a momento pela Palavra de DEUS, o estudo de Colossenses nos conduz à adoração: reconhecemos que nossa própria compreensão, nossa fé, nossa perseverança e nossa santificação são dons da graça, mantidos pelo mesmo poder que ressuscitou a CRISTO dentre os mortos. A glória, portanto, não é nossa, mas exclusivamente de DEUS — PAI, FILHO e ESPÍRITO SANTO — a quem seja o louvor, a honra e o domínio pelos séculos dos séculos.

Amém

Per Iesum Christum Dominum nostrum

SOBRE O AUTOR

J. S. Nascimento (Jairo de Sousa Nascimento), presbiteriano, cuja vida e ministério são marcados por uma convicção inabalável: as Santas Escrituras são a única regra infalível de fé e prática, e toda a existência.

Nascido no interior do Ceará (Agosto de 1990), na cidade de Varjota-CE, e cresceu em Ipu-CE (após um curto período em Ararendá-CE (1997/1999)). onde experimentou desde a infância o rigor do trabalho e a **provisão da graça divina**. Filho de Ana Maria de Sousa Cunha e Francisco Gomes do Nascimento. Foi em Ararendá-CE onde **viu o lar ser desfeito pelo abandono paterno ainda na meninice** (1999), e, com sua mãe e irmãos, aprendeu que a verdadeira segurança não está nas estruturas humanas, mas na fidelidade do DEUS que não abandona os seus. Nesse mesmo ano, eles foram morar em Ipu-CE, ainda criança, já vendia picolés e pães pelas ruas; aos poucos, o trabalho árduo forjou-lhe o caráter, também fez parte da **Banda municipal Maestro Lázaro freire** de Ipu-CE, aluno de **Jorge Nobre do Sax**, nesse mesmo tempo **estudava** e trabalhava na lavoura (plantio de milho e feijão) ajudando seu Padrasto (Seu Raimundo), com isso, aprendeu a disciplina e a educação comum (2001 a 2011).

Em 2012, **movido pela providência divina**, mudou-se para Novo Hamburgo-RS (Rio Grande Do Sul), onde atuou na construção civil e na indústria, até que, em 2021, sentindo o chamado para uma nova etapa, formou-se em vigilante e, posteriormente (2025), como Técnico em Segurança do Trabalho. Contudo, o labor secular nunca foi para ele um fim em si mesmo, mas uma esfera onde a vocação cristã se expressa em diligência, integridade e serviço ao próximo.

Sua trajetória espiritual, porém, é o fio de ouro que atravessa toda a sua história. Criado em lar cristão e membro da Assembleia de Deus na infância e juventude, estudou Teologia pela FAITE (2016) e, posteriormente, convalidou seus estudos pela FAETEL (2018), obtendo o título de Bacharel em Teologia. Foi, porém, **ao estudar a sistemática de Wayne Grudem e, em 2019, ao congregar na Igreja Presbiteriana de Campo Bom-RS Pastoreada pelo Rev. Frank Brito. Suas convicções se firmaram no solo fértil da teologia reformada**, hoje mora desde 2024 em Açailândia-MA, ao lado de sua esposa, **Ana Cláudia Leal de Sousa**, com quem se casou em Maio de 2024, e com quem compartilha o propósito de edificar um lar que seja pequena igreja doméstica e germe do Reino de CRISTO, e servindo à igreja como diácono.

Seus fundamentos teológicos repousam sobre os fundamentos confessionais de Westminster, e sua cosmovisão é integrada pela doutrina da existência comunicada. Que o SENHOR JESUS CRISTO, Cabeça da Igreja, esteja sobre todos os santos, para edificação e para a glória exclusiva do DEUS Trino.



Nascimento Editora

Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade